

ECONOMIA


POLÍTICA ECONÔMICA

Principais instituições do país acreditam que Banco Central continuará a reajustar a Selic como forma de conter inflação

Aposta na alta dos juros

De olho na divulgação, na próxima semana, do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), usado como referência no sistema de metas de inflação do governo, o mercado financeiro acelera as apostas para a reunião deste mês do Comitê de Política Monetária (Copom). Há quase um consenso entre os analistas de que a taxa básica de juros (Selic) subirá pelo menos 0,5 ponto percentual, passando dos atuais

18,25% para 18,75% ao ano, mesmo que a inflação de janeiro tenha ficado abaixo do 0,6% sinalizado pelas quase cem instituições consultadas semanalmente pelo Banco Central.

“Eu não descarto um IPCA menor que o esperado em janeiro e em fevereiro. Mas o BC não recuará na sua disposição de apertar um pouco mais a política de juros, porque está lidando com outras variáveis sobre as quais não tem controle, como a expansão do cré-

dito”, disse o economista-chefe da ASM Asset Management, Luís Otávio de Souza Leal. “Pelas nossas contas, o BC aumentará a Selic em 0,5 ponto neste e no próximo mês, com a taxa se mantendo em 19,25% até o início do segundo semestre. Muita gente tem falado que a Selic se estabilizará em 19%. Para nós, porém, esse é um piso.

Na avaliação do economista Carlos Thadeu Filho, do Grupo de Conjuntura Econômica da Universidade Federal do Rio de Janei-

ro (UFRJ), daqui por diante o que realmente ditará o comportamento da Selic será o ritmo da atividade econômica. “Usando os modelos do BC, podemos dizer que, a partir de março, o IPCA cairá para a casa dos 0,3% ao mês, índice que, anualizado, sinaliza inflação próxima de 4%. Mas o BC só se sentirá confortável para interromper ou mesmo baixar os juros se a atividade der sinais de desaceleração. Por enquanto, ainda não vemos isso”, destacou.